



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**ALINE DE BRITO GUIMARÃES**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA ACERCA DA ÁFRICA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2018**

**ALINE DE BRITO GUIMARÃES**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA ACERCA DA ÁFRICA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Monografia, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado (a) em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento

CAMPINA GRANDE-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G963e Guimaraes, Aline de Brito.  
O ensino de geografia acerca da África nos livros didáticos das escolas públicas de Campina Grande - PB [manuscrito] : / Aline de Brito Guimaraes. - 2018.  
37 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Hélio de Oliveira Nascimento , Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."  
  
1. Ensino de geografia. 2. Livro - Recurso didático. 3. África - Conteúdo didático.  
  
21. ed. CDD 372.89

**ALINE DE BRITO GUIMARÃES**

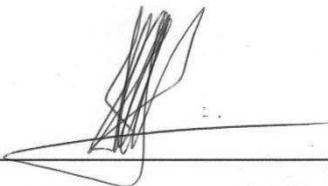
**O ENSINO DE GEOGRAFIA ACERCA DA ÁFRICA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
modalidade Monografia, apresentado ao  
Curso de Licenciatura Plena em Geografia  
da Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito final à obtenção do título de  
Licenciado (a) em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Hélio de Oliveira  
Nascimento

Aprovada em: 20 / 06 / 2018

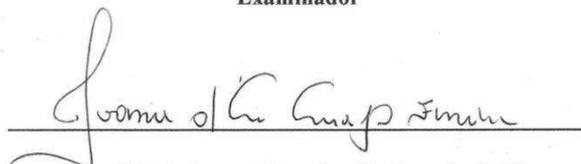
**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento / DG**  
Universidade Estadual da Paraíba - Campus I  
Orientador



**Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos / DG**  
Universidade Estadual da Paraíba - Campus I  
Examinador



**Prof.ª Dr.ª Joana d'Arc Araújo Ferreira / DG**  
Universidade Estadual da Paraíba - Campus I  
Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

*“Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, por me permitir realizar esse sonho e todos que estiveram ao meu lado nessa longa jornada”.*

## **AGRADECIMENTOS**

Esta fase da minha vida é muito especial e não posso deixar de agradecer a Deus por toda força e coragem que me ofereceu para ter alcançado minha meta. À Universidade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias, em especial ao meu orientador Ms. Hélio de Oliveira Nascimento e a Prof.<sup>a</sup> Ms. Juliana Nóbrega que estiveram ao meu lado por toda a jornada e contribuíram para a pesquisa. A Jean Pierry Santos de Sousa que esteve ao meu lado durante toda a jornada e que me ajudou a acreditar em mim, eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem você não teria sido possível.

Aos amigos em especial Emannuella Hayanna Alves de Lira e Luciene Fabrizia Alves do Nascimento pelo incentivo e apoio na construção desse trabalho, por todos os momentos de carinho e amizade sincera.

A todas as pessoas e minha família que de alguma forma fizeram parte do meu percurso eu agradeço com todo meu coração.

*A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas consegue identificar o que os separa e não o que os une.*

***Milton Santos.***

**RESUMOGUIMARAES. Aline de Brito. O ENSINO DE GEOGRAFIA ACERCA DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB.** Monografia de graduação em licenciatura plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande - PB, 2018.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em 10 escolas públicas de ensino médio no município de Campina Grande – PB, tendo em vista que o livro é o recurso didático mais utilizados nas escolas públicas brasileiras, o trabalho teve como objetivo analisar o conteúdo da África nos livros como fonte de recurso didático eficiente e/ou ineficiente no processo de ensino aprendizagem. A presente pesquisa baseia-se no método pesquisa-ação fundamentada na abordagem qualitativa (aplicação de questionários) para realizar uma análise sob o olhar do professor de Geografia sobre as questões referentes ao conteúdo africano presente no livro didático. Por vezes os recursos metodológicos não atendem as necessidades da sala de aula, uma vez que a aula tende a ter a influência de uma Geografia tradicional que limitam a aula a uma Geografia descritiva e/ou numerativa, contudo o livro na maioria das vezes é o recurso didático que o aluno mais utiliza, nessa perspectiva é necessário que haja uma reflexão nas questões raciais presentes no livro, torna-se imprescindível que o livro contenha informações como um todo, valorizando a cultura, a pluralidade cultural e exalte as questões raciais. A partir dos instrumentos de pesquisa constata-se que o livro de é suma importância para o processo de ensino aprendizagem, porém torna-se necessário que o professor utilize outras bibliografias para complemento da aula. A expectativa é que haja uma reflexão e revisão dos conteúdos da África as questões raciais nos livros didáticos para que seja valorizada as contribuições da cultura negra a nossa sociedade e o aluno compreenda o espaço que está inserido.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Livro-Recurso didático, África.

## ABSTRACT

GUIMARAES. Aline de Brito. **THE GEOGRAPHY EDUCATION ABOUT AFRICA IN THE DIDACTIC BOOKS OF CAMPINA GRANDE-PB PUBLIC SCHOOLS.** Monograph in Full Degree in Geography. CEDUC / UEPB, Campina Grande - PB, 2018.

The present work is the result of a survey carried out in 10 public high schools in the city of Campina Grande - PB, considering that the book is the most used didactic resource in Brazilian public schools, the objective of this work was to analyze the contents of Africa in books as a source of efficient and / or inefficient didactic resource in the process of teaching learning. The present research is based on the research-action method based on the qualitative approach (application of questionnaires) to perform an analysis under the eyes of the geography teacher on the questions concerning African content in the textbook. Sometimes the methodological resources do not meet the needs of the classroom, since the class tends to have the influence of a traditional Geography that limits the class to a descriptive and / or numerative geography, however the book is most often the the only educational resource that the student uses, in this perspective it is necessary that there is a reflection on the racial issues present in the book, it becomes imperative that the book contains information as a whole, valuing culture, cultural plurality and exalts racial issues. From the research instruments, the most important book for the learning process is found, but it is necessary that the teacher uses other bibliographies to complement the class. The expectation is that there be a reflection and review of the African content racial issues in textbooks so that the contributions of the black culture to our society are valued and the student understands the space that is inserted.

**Key-words:** Geography teaching, Book-Didactic Resource, Africa.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
2.1 Historiografia da Geografia Escolar no Brasil.....	10
2.2 O Papel do Livro Didático no Ensino de Geografia.....	16
2.3 Currículo e a Pluralidade Cultural no Ensino de Geografia.....	19
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>4. DISCURSÕES E RESULTADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para que fosse possível esta pesquisa tornou-se necessário que algumas questões fossem abordadas como: O livro é suficiente como recurso didático? Como o livro didático apresenta as questões étnico raciais? Com base nessa perspectiva, entende-se que o livro didático é um dos recursos mais utilizados em sala de aula para concretizar o processo de ensino aprendizagem da Geografia nas escolas públicas. Pensando nisso, a presente pesquisa tem o objetivo de analisar a visão dos professores de Geografia sobre o livro didático e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem, com ênfase nas questões étnico-raciais.

Torna-se importante ressaltar que nas escolas públicas o livro se apresenta como o único recurso didático, limitando o processo de ensino aprendizagem. Nessa perspectiva almeja-se estabelecer avanços na abordagem do conteúdo da África, visando que a escola apresenta um função importante de tornar o aluno em um cidadão capaz de formar opiniões próprias e compreender o espaço no qual está inserido, no entanto, o livro didático fornecido pelo governo mesmo diante da Lei 10639/03, não apresenta conteúdos abrangentes sobre África e na maioria das vezes não mostra a realidade local contribuindo para um modelo de ensino baseado na Geografia tradicional.

A presente pesquisa está estruturada da seguinte forma: a primeira parte compreende um levantamento bibliográfico dos livros didáticos utilizados na sala de aula de 10 escolas públicas no município de Campina Grande-PB, os livros analisados foram: Ser Protagonista, Geografia Sociedade e Cotidiano, Leituras e Interação, Contextos e Redes, Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização, Fronteiras da Globalização e Espaço e Vivência. Na segunda parte foi realizado um questionário com o intuito de identificar as possíveis falhas que o livro apresenta como recurso didático sob o olhar de 14 professores de Geografia que abriu espaço para uma reflexão sobre o modo como os temas escolares referentes ao negro a África estão intimamente ligadas as questões de cunho social. Já na terceira parte foi realizada a análise dos dados coletados. A partir desses dados essa pesquisa se mostrou pertinente por tornar possível que fosse realizada uma análise dos livros utilizado em sala de aula com recurso didático se caracterizando como eficiente e/ou ineficiente no processo de ensino aprendizagem.

Nessa perspectiva, essa pesquisa tem a finalidade que ocorram melhorias no conteúdo da África nos livros didáticos de Geografia atendendo os critérios que estabelecem a Lei 10639/03, visto que o livro se configura como um importante recurso didático que auxilia no processo de ensino aprendizagem, uma vez que permite ao aluno analisar o meio em que vivemos e ressalta a responsabilidade de favorecer a compreensão da pluralidade cultural, conhecer o ambiente que estamos inseridos permitirá um posicionamento mais coeso diante de qualquer situação.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

### **2.1 Historiografia da Geografia Escolar no Brasil**

Ao longo dos anos a Geografia escolar no Brasil passou por constantes transformações, contudo essas transformações ocorrem até os dias atuais o que nos remete a uma Geografia sob uma nova perspectiva, tendo em vista que o ensino da Geografia foi sendo modificada ao longo dos anos torna-se indispensável compreender essas mudanças, que fizeram com que a Geografia deixasse de ser apenas uma disciplina complementar durante outras aulas e tornar-se uma disciplina independente no currículo escolar. Em síntese torna-se imprescindível uma análise sobre as mudanças que a geografia enfrentou diante dos anos e uma reflexão sobre qual o papel da Geografia desempenhou na sociedade.

No Brasil o ensino de Geografia surgiu ainda no período colonial com a função de descrever paisagens ou agregar um conhecimento sobre cultura, não possuía conhecimento sobre as relações de sociedade. Como nos afirma Rocha (1996, p.136 *apud* PESSOA (2007, p.31) “ensinava-se através de um modelo de geografia pautado na descrição e enumeração de fatos ou coisas alheias a realidade vivida no nosso território”. Logo, isso significa dizer que por anos a Geografia Escolar se caracterizava como uma disciplina simplesmente descritiva, uma vez que, não aborda fatores ocorridos na sociedade. Alguns autores como Quintão e Albuquerque, (2009) concordam com as ideias de Rocha quando afirma que ao longo do tempo a disciplina Geografia é tratada como uma ciência neutra em que somente descreve paisagens naturais que não desempenha uma relação com a sociedade.

Como disciplina sendo ministrada pelos jesuítas, o ensino de Geografia estava intrinsicamente ligado aos interesses do Estado, uma vez que o ensino apresentava-se de maneiras diferentes diante da classe social, o ensino de Geografia tinha o intuito de preparar a elite brasileira para inserção nos cargos políticos e para os indígenas o ensino baseava-se na formação religiosa cristão ensino era voltado apenas para facilitar a relação entre os colonizadores e os povos nativos, haja vista que para a elite o ensino era voltado para descrição de paisagens e conhecimento de territórios visando sempre o amor à pátria

A disciplina Geografia era um requisito importante para a formação de bacharéis no Brasil, mesmo que não fosse ensinada por geógrafos então passou a fazer parte do currículo como afirma Pessoa (2007). Não obstante profissionais de outras áreas como engenheiros e advogados lecionavam Geografia.

No século XIX mesmo antes da institucionalização do curso superior, o ensino de Geografia se tornou relevante na educação no Brasil se concretizando com criação do Imperial Colégio de Pedro II em 1837, localizado no Rio de Janeiro, sede da antiga Corte do Império. (PESSOA,2007). Com o passar do tempo a ciência se solidificou nas escolas de praticamente todo o território brasileiro. Contudo mesmo se solidificando como disciplina a Geografia escolar passou por várias reformas educacionais visto que a Geografia não supria mais as necessidades da burguesia, em 1890 foi realizada a primeira reforma educacional arquitetada por Benjamin Constant visando a melhoria do ensino, tornando o ensino de Geografia um conteúdo um pouco mais abrangente. Segundo Pessoa (2007, p.40)

No que se refere ao ensino de geografia ficou estabelecido que o mesmo seria ministrado em todas as sete séries do ensino secundário integral distribuídos da seguinte forma: nos dois primeiros anos seriam ministradas três aulas por semana, com o seguinte programa para o primeiro ano: geografia física, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e noções concretas de astronomia. Para o segundo ano o programa compreendia os seguintes assuntos: geografia política e econômica, especialmente do Brasil, exercícios cartográficos e estudo complementar de astronomia concreta, ao passo que nos demais anos seria facultada a essa disciplina uma hora semanal para revisão dos conteúdos já vistos anteriormente.

Na segunda reforma em 1901, houve remoção da quantidade de aulas de geografia do currículo escolar, na terceira reforma em 1911 não ocorreu mudanças no currículo escolar, embora tenha ocorrido uma diminuição do curso de sete para seis anos. Na quarta reforma educacional em 1915, houve uma redução do curso de geografia de seis para cinco anos, desvalorizando a disciplina. Contudo mesmo após as

reformas não deixou de fazer parte do currículo escolar, visto que visava apenas o conhecimento para os exames de admissão nos cursos.

De acordo com Pessoa (2007) em relação ao ensino de geografia podemos certificar que a referida reforma conduziu a disciplina para uma depreciação em relação a reforma anterior, visto que, houve uma redução em relação ao número de séries em que a geografia se fazia presente. Mesmo diante de tantas reformas a Geografia escolar não teve mudanças relevantes na sua metodologia de ensino, haja vista que a Geografia continuou a ser ensinada da mesma forma que foi introduzida nos currículos, não houve mudanças significativas no método do ensino.

No início do século XX, a Geografia iniciou um processo de renovação onde professores se abriram para questionamentos acerca o ensino de Geografia, segundo Vlack,(1989 ) as contribuições Delgado de Carvalho, em sua luta pela edificação da Geografia científica, insurgiu-se sempre contra a geografia-nomenclatura, que incitava a memorização; ao mesmo tempo, empenhou-se contra a geografia administrativa, acreditava-se que a geografia-nomenclatura e/ou administrativa havia impedido até então a fundamentação lógica indispensável à geografia científica que almejava inserir terminantemente.

Em síntese como era necessário um conhecimento não apenas da Terra, mas um estudo científico sobre o meio e as questões sociais, a memorização não seria capaz de suprir as necessidades da ciência naquele momento, era necessário um estudo do espaço geográfico para que o aluno entenda a realidade ao seu redor. Em concordância com as ideias de Vlach, acrescenta Pontuscka, Paganelli, Cacete (2009) “Delgado de Carvalho enfatizou a necessidade da Geografia torna-se ciência, o que somente seria possível em um trabalho de interação entre o ensino e a ciência geográfica, criticando a Geografia de memorização através do seu livro”.

Esta fase se mostra grande importância pois a partir desse momento houve a necessidade de promover cientificidade a Geografia, tendo em vista que os professores que ministravam as aulas de Geografia não eram formados na área. Segundo Pontuscka, Paganelli, Cacete (2009 p.48) “No Brasil, a formação de uma Geografia com caráter científico efetivou-se a partir de 1930, ao serem criadas as primeiras faculdades de Filosofia, o Conselho Nacional de Geografia, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (1934).”

Com a necessidade de um curso superior de Geografia para formar licenciados e bacharéis, a Geografia foi implantada na Universidade de São Paulo com influência da escola francesa, era conectada ao curso de história. Haja vista que não existiam no Brasil, em 1934, professores licenciados em Geografia e nem bacharel em Geografia e os livros didáticos de Geografia não eram escritos por geógrafos (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009). Com o curso superior de Geografia institucionalizado no Brasil surgiu os primeiros licenciados e bacharéis com o intuito dar cientificidade a Geografia, efetuando-se como um grande passo da Geografia.

Com esse acontecimento inaugurou-se, de fato, uma nova era do ensino secundário, cujos quadros docentes, constituídos até então de egressos de outras profissões, autodidatas ou práticos experimentados no magistério, começaram a renovar-se e a enriquecer-se, ainda que lentamente, com especialistas formados nas faculdades de Filosofia que, além do encargo da preparação cultural e científica, receberam por acréscimo, o da formação pedagógica dos candidatos ao professorado do ensino secundário. (PESSOA, 2007, p.54 *apud* AZEVEDO, 1971, p.761)

Contudo essa nova fase para a Geografia é muito importante visto que surgiram os primeiros profissionais com formação científica capazes de melhorar o ensino de Geografia, uma vez que estes profissionais eram formados sob um novo olhar para a Geografia.

A importância deste acontecimento é significativa para a propagação da orientação moderna de geografia escolar. Devemos lembrar que vários autores responsáveis pela historiografia existente sobre a ciência geográfica no Brasil são categóricos ao afirmar que a criação dos cursos de geografia, em nível superior inauguraram a fase moderna da geografia no país. Podemos perfeitamente afirmar que os(a) novos(as) professores(as) eram formados à luz dessa nova orientação e por ela muito influenciados quando assumiram postos nas salas de aulas, além do que, naquele período, começaram a surgir também manuais didáticos veiculadores dessa nova orientação. (PESSOA, 2007, p.54 *apud* Rocha, 1996, p. 267)

Não obstante, mesmo com o presente avanço na formação docente, a geografia tradicional ainda era muito presente nas escolas, no entanto foi um período de grande importância para a consolidação da Geografia moderna no Brasil.

O ensino de Geografia naquele momento não atendia a evolução que a ciência apresentava, os problemas que a sociedade se encontrava eram camuflados e esquecidos, como esclarece (LACOSTE, 1988, p.33) “A geografia dos professores funciona, até certo ponto, como uma tela de fumaça que permite dissimular, aos olhos de todos, a eficácia das estratégias políticas, militares, mas também estratégias econômicas e sociais que uma outra geografia permite a alguns elaborar”. Fica claro que a geografia da sala de aula era apenas a descrição de paisagens e que os alunos não

teriam acesso a uma Geografia que abrange o contexto social, disfarçando e manipulando os interesses capitalistas.

Com o este modelo de ensino logo a Geografia passou a ser uma disciplina de pouco interesse, abrindo espaço para a Geografia teórico-quantitativa que se apresentava pelo uso de métodos matemático-estatísticos, servindo aos interesses do Estado, uma vez que, serviu para análise e dominação do espaço.

Importante ressaltar que após a Segunda Guerra Mundial significaria mudanças no ensino de Geografia, uma vez que a Geografia descritiva não preenchia todas as necessidades de explicar a sociedade e essas mudanças. Conforme afirma Pontuschka, Paganelli, Cacete (2009 p.51) “o espaço geográfico, mundializado pelo capitalismo, tornou-se complexo e as metodologias propostas pelas várias tendências da Geografia tradicional não eram capazes de apreender essa complexidade”.

Tornou-se imperativo uma Geografia ampla, que abrangessem o território assim como as relações de sociedade, uma Geografia que compreendessem as mudanças ocorridas na sociedade dando espaço a novos questionamentos e posteriormente a uma nova perspectiva de ensino. Como afirma Cavalcanti (1998 p.16) “a Geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo”. Visto que o capitalismo, industrialização e a economia eram fatores que acarretaram a Geografia novas reflexões, tornou-se necessários novos conceitos e uma nova visão e ampliação da Geografia.

Segundo Martins (2011, p.63) “Assim, os fundamentos filosóficos e metodológicos da Geografia tradicional e os estudos da Geografia Teórico-Quantitativa, que utilizava elementos da matemática e da estatística, passam a ser criticados por não darem conta da nova realidade”. Haja vista que dados estatísticos eram insatisfatórios para o contexto que a sociedade se apresentava, tornou-se imprescindível uma Geografia que atendesse as necessidades do período em o Brasil se deparava, fazendo com que surgisse o movimento de renovação da Geografia na década de 1970.

Insurgiu naquele momento, frente as mudanças ocorridas no espaço, a Geografia crítica para atender uma nova conjuntura política, econômica, social e ambiental que surgiu em consequência da industrialização. Segundo Pessoa (2007, p.61)

A(s) geografia(s) crítica(s), portanto, teve a partir de Yves Lacoste e da criação das revistas *Antipode* e *Herodote*, a formação de um expressivo grupo de

geógrafos críticos. Essas duas revistas foram importantíssimas no processo de difusão do(s) movimento(s) de renovação da geografia, pois eram, sobretudo na década de 1970 órgãos aglutinadores de geógrafos contestadores, colaborando dessa forma para a formação de polos de irradiação de novas ideias geográficas que posteriormente se espalharam para diversas partes do globo.

Yves Lacoste, em sua obra literária *Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, com suas críticas a Geografia, influenciou a renovação da ciência geográfica. No seu livro, o autor enfatiza a imagem de que a Geografia se subdivide em dois formatos, a Geografia dos Estados Maiores e a Geografia dos Professores. A Geografia dos Estados Maiores aborda um conjunto de reproduções e informações do espaço utilizado pelos possuidores de poder. A Geografia dos professores foi criada com o desígnio de furtar da geografia a sua importância estratégica de saber pensar o espaço. (LACOSTE, 1988, p.8). A Geografia dos Estados maiores se caracterizava como um instrumento de poder entre minorias, é notório como professor permanece excluído dos conhecimentos em relação à política, a economia e estratégias militares. Entende-se que o ensino de Geografia era diferenciado de acordo com a classe social, a elite detinha um conhecimento amplo da Geografia e a classe pobre cabia apenas a nomenclatura e memorização. Como afirma Libâneo (1994, p. 139.) “Há uma distinção dos conteúdos de ensino para diferentes grupos sociais: para uns, esses conteúdos reforçam os privilégios, para outros fortalecem os espíritos de submissão e conformismo”.

Com as mudanças que a industrialização e o capitalismo trouxeram a sociedade, e o ensino da Geografia ficando alheio aos acontecimentos, a Geografia tornou-se uma disciplina inútil e chata provocando desinteresse por parte dos alunos. Visto que o ensino impõe-se, implicitamente, que não é preciso senão memória" para saber Geografia. (LACOSTE, 1988). Claramente a Geografia se apresenta como uma disciplina cansativa e desinteressante, haja vista que na sala de aula ensino se baseava apenas na memorização, mascarando as mudanças na sociedade, o ensino não abarcava as complexidades das transformações que ocorriam no contexto mundial.

Era preciso uma revisão na forma de ensinar e aprender Geografia e na formação dos professores dessa disciplina em razão das mudanças que aconteceram nas ciências e na sociedade. Muitos geógrafos mostravam-se insatisfeitos com os recursos metodológicos de compreensão de mundo, embasados numa visão fragmentada, sem a preocupação com o contexto nacional e mundial. A realidade exigia mudanças nos referenciais teóricos e metodológicos dessa ciência. (MARTINS, 2011, p.64)

A Geografia então, conseguiu espaço para novas reflexões, deixando de servir aos interesses do Estado, e construindo novos conhecimentos acerca dos problemas e

questões referentes a sociedade, produzindo assim a criticidade dentro das escolas, de modo a abrir espaço a novas discursões em a sala de aula. Segundo Vesentini (2004) a Geografia crítica representou uma abertura para os movimentos sociais: aluta pela ampliação dos direitos civis e principalmente sociais, pela moradia, pelo acesso à terra ou a educação de boa qualidade, pelo combate à pobreza, aos preconceitos de gênero, de cultura/etnia e de orientação sexual, essa nova forma de Geografia possibilitou que esses fatores passassem a ser analisados na sociedade, fazendo com que a realidade que cerca a vida do aluno se entrelace com os conteúdos abordados em sala de aula gerando uma construção do conhecimento sobre as questões de âmbito social. As transformações do espaço, o capitalismo, a industrialização e fatores políticos passaram a ser discutidos em sala de aula permitindo ao aluno um conhecimento em uma escala global.

## **2.2 O Papel do Livro Didático no Ensino de Geografia**

O livro como recurso didático se caracteriza como importante fonte de estudo para o aluno, visto que está presente nas escolas influenciando diretamente no processo de ensino aprendizagem do aluno. Como afirma Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.343) “o livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos”. Contudo é importante fazer uma reflexão acerca do surgimento do livro didático e suas transformações ao longo dos anos.

Segundo Pessoa (2007) por volta do século XIX, foi editado pela Imprensa Régia, localizada no Rio de Janeiro, um dos primeiros compêndios que deteve um notável prestígio e uma forte influência sobre os professores de geografia, a *Chorographia Brasilica*, de autoria do Padre Manuel Aires de Casal. Um livro com uma visão muito limitada e superficial da Geografia, que atingiu negativamente a ciência geográfica e os outros autores que se inspiraram nesta obra. “E, por essa razão os autores que se inspiraram na referida obra receberam por transmissão as graves deficiências conceituais e metodológicas, entre as quais podemos citar o uso excessivo de nomenclaturas, a descrição exagerada de fatos, a ausência de explicações e a inexistência completa de mapas”. (PESSOA,2007, p.32). Contudo essa forma de Geografia se perpetuou por longos com caráter descritivo e enumerativo se apresentava com uma disciplina desinteressante frente aos alunos.

Como acrescenta Pessoa (2007) Em 1856 o livro “Geografia Geral e Especial do Brasil”, considerado um dos raros livros de geografia dessa época, por um longo tempo foi o mais aceito e o mais notório compêndio didático em nossas escolas durante o período Imperial. Com características inapropriadas para o ensino se apresentando como perguntas e respostas com o intuito de memorização do conteúdo, estes livros apresentam caráter insatisfatório para a ciência geografia que repercutiu negativamente ao longos dos anos no ensino da Geografia.

Segundo Albuquerque (2011) Até década de 1980, os livros didáticos se caracterizavam como uma publicação destinada somente a difundir os ideais das classes dominantes e as ideologias necessárias à efetivação do poder dessas classes e do Estado. No decorrer dos anos os livros didáticos vem sofrendo modificações, uma vez que houve a criação de órgãos como o COLTED (comissão do livro técnico e do livro didático), a FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar), FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) que determinava mudanças na linguagem e no conteúdo para atender as necessidades do contexto social, e posteriormente na década de 1990 os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) que oferecem orientações para corpo docente trabalhar em sala de aula. Com a criação do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), a escola pode optar dentre um dos livros didáticos estabelecido pelo MEC.

Contudo o livro como recurso didático não pode abranger com todas as complexidades da Geografia. Nem a proposta de um livro nem as ideias do professor são infalíveis; portanto, a relatividade do conhecimento precisa estar sempre presente na análise de qualquer produção didática, a fim de que se trabalhe com o aluno o dinamismo na construção do saber (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE 2009, p.343). O livro didático tem o papel de abordar determinado conteúdos de forma clara, não obstante o professor tem o papel de relacionar o conteúdo com a realidade do aluno, com a sociedade que o cerca. Nessa perspectiva, torna-se imprescindível a interação entre o professor, o aluno, o livro didático e/ou outros recursos que podem ser trabalhados como filmes ou aulas de campo, desde que torne possível que o aluno construa seu conhecimento ao invés de receber conceitos prontos e apenas reproduzidos. Vesentini (1989, p.167) esclarece:

“Ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em slides ou filmes, em obras

paradidáticas etc.) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo”.

O livro didático torna-se importante por ser detentor de imagens e textos que facilitam no processo de ensino aprendizagem, o livro na maioria das vezes é a única fonte de estudo para o aluno que limita seu desempenho na aprendizagem. “Daí surge à importância de que os autores de livros didáticos também descubram formas atraentes de tratar assuntos relativos ao cotidiano dos alunos”. (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, p.343). Uma vez que, torna possível ao aluno relacionar a sua realidade e o contexto social ao assunto debatido na aula.

É necessário quebrar a tradição em que o livro didático é detentor de todo o conhecimento, é preciso mostrar aos alunos que o conhecimento pode vir de outras fontes, não é necessário excluir o livro didático, mas sim desconstruir a ideia que ele é o único detentor de saber, deve-se relacionar o livro didático a outras bibliografias, analisa-lo num ponto de vista crítico e relaciona-los a realidade do aluno. Nesta perspectiva o livro didático auxilia o ensino de Geografia, o ensino na sala de aula se caracteriza como uma relação entre o docente e discente auxiliado por um recurso didático abrangendo todas as dimensões sociais.

Compreendendo que o aluno é um processo ativo na construção do conhecimento geográfico e da sociedade fica claro que o mesmo intervém diretamente nessa construção, portanto o ensino está inteiramente ligado à construção de conhecimento e o professor se caracteriza como mediador nessa construção. Cavalcanti (2002, p.37) afirma que “o ensino é um processo que compõe a formação humana em sentido amplo, apanhando todas as dimensões da educação: intelectual, afetiva, social, moral, estética, física”.

Sabendo-se que o ensino de Geografia configura-se num estudo da caracterização do espaço e da sociedade, e que visa o estudo da cidadania a partir da realidade existente nas desigualdades sociais, a Geografia ensinada na sala de aula muitas vezes é caracterizada pelo distanciamento da realidade diária dos discentes ao conteúdo exposto em sala de aula, para Straforini (2008, p.81) “o aluno deve ser inserido dentro daquilo que está estudando, proporcionando a compreensão de que ele é participante ativo na produção do espaço geográfico.”

Nessa perspectiva, o professor como educador tem o papel de transformar a sala de aula em um lugar de encontro de saberes, configurando o ensino geográfico,

relacionado a todas as dimensões para que o discente entenda e construa seu conhecimento a partir da contextualização apresentada em sala e consequentemente sendo auxiliado pelo docente.

É necessário que o aluno se perceba como um elemento ativo na sociedade e na transformação da realidade existente ao seu redor. O ensino de Geografia muitas vezes fragmentado e/ou isolado exclui a possibilidade de interligação dos conteúdos com a realidade vivenciada pelos discentes, tornando impossível ao mesmo o raciocínio geográfico “[...] o pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo em que vive. (CAVALCANTI,2002, p.11).

O livro como recurso didático assume um papel importante na sala de aula, contudo para a construção do conhecimento o aluno precisa participar ativamente, visto que a Geografia trabalha o espaço torna possível que o aluno, no processo de ensino aprendizagem possa relacionar conteúdos de sala de aula com situações ocorridas na sociedade, com matérias que o ele vê nos jornais podendo interagir e se sentir atuante no processo de construção do conhecimento.

### **2.3 Currículo e a Pluralidade Cultural**

Os currículos apresentam a função de nortear a escola e o professor, se caracteriza como uma maneira de estabelecer a prática realizada num contexto, a partir de uma construção cultural, que conjectura a solidificação social e cultural conferidas à educação escolar. Segundo Sacristán (2002, p.17) “[...] o currículo reflete o conflito entre interesses dentro de uma sociedade e os valores dominantes que regem os processos educativos”. Com essa afirmação fica claro que o currículo não atende necessariamente as necessidades da educação.

O currículo que visa o ensino com uma abordagem baseada na pluralidade cultural se caracteriza como uma grande contribuição para a Geografia por que o mesmo se configura como o objeto de estudo o ensino da realidade do discente. Contudo permite que o discente compreenda e se posicione criticamente.

A diversidade cultural se constitui em uma característica da população brasileira, encontra-se presente no âmbito escolar, no currículo escolar, no entanto essa pluralidade por vezes é ignorada no lugar onde deveria estar inserida. As diferentes culturas e

grupos étnicos devem estar presentes no currículo escolar assim como no livro didático. Segundo os PCNs (1998, p.137)

O tema Pluralidade Cultural oferece aos alunos oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participantes de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais.

A partir da abordagem do tema de pluralidade cultural é provável que o discente tenha uma compreensão mais ampla do tema tornando possível que ele se permita contextualizar conteúdos de Geografia com a realidade da comunidade em que participam.

É de suma importância à valorização da cultura, torna-se imprescindível que o currículo escolar valorize a diversidade cultural, tendo em vista que dentro da sala de aula a pluralidade cultural deve ser abordada sem distinção de qual ela seja, para que o aluno possa desconstruir o preconceito e construir sua própria opinião a partir dos valores de cada cultura. “É na escola que uma parte do processo de conscientização e/ou não conscientização se desenvolve”. (ARIOVALDO, 2010, p.143).

Nesse contexto se torna importante ressaltar que a partir do estudo e debate de cultura dentro da sala de aula o discente compreende a cultura no sentido mais amplo respeitando e exaltando a diversidade cultural, conhecendo valores e crenças das diferentes culturas e respeitando as diferenças entre as mesmas.

Portanto, visando o avanço na qualidade da educação foi necessário enxergar a questão curricular como algo que deve orientar as ações das escolas, tornando-se necessário valorizar as diversidades culturais. Diante das múltiplas diversidades socioculturais do país busca-se, então, apreciar a pluralidade cultural.

O ensino de Geografia sobre o negro e a cultura afro-brasileira faz parte do currículo escolar, no entanto, mesmo marcado pela diversidade cultural ainda se caracteriza como alvo de preconceito por ser caracterizado pela pobreza e situações precárias, mesmo quando o negro assumiu um papel determinante na formação do território e cultura brasileira. Enxergar para mais além do negro como escravo e reconhecer a importância dos afrodescendentes na sociedade, assim como na música, na arte, na literatura, o negro muito acrescentou a cultura brasileira e na formação da sociedade. Precisamos buscar referências, pesquisar, ir além dos livros didáticos,

observar e ouvir a expressão da vida e da cultura nas várias facetas em que ela se apresenta em nosso meio. De acordo com os DCNs (p.14)

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente.

Para trabalhar a educação étnica racial é necessário combater a discriminação em sua fonte, dentro da sala de aula onde surgem as primeiras questões étnicas raciais. “A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação (DCNs p.16 )”. Torna-se necessário repensar as questões étnicas enquanto relações sociais promovendo igualdade e valorização da diversidade e cultura, haja vista que a escola é um espaço de grande importância para a edificação de uma sociedade igualitária.

A partir da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, ficou estabelecido novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana que exalta a cultura negra e desconstruindo conceitos que promovem a discriminação racial. Tendo em vista que para que seja possível essa nova abordagem o livro didático deve abarcar o conteúdo necessário ressaltando a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira.

A inserção da Lei Estadual Nº 6.814, de 2 de julho de 2007, que apresenta em seu artigo 2º, § 1º, a menção da inclusão curricular do tema História e Cultura Afro-brasileira e Africana, abrangendo todas as modalidades de ensino, abriu possibilidades no ensino da cultura afro-brasileira.

Art. 2º Entenda-se por Diretrizes Operacionais o conjunto de princípios e procedimentos que visam incluir no currículo escolar a temática História e Cultura Afro-brasileira. § 1º A inclusão curricular da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana abrangerá obrigatoriamente as modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação Indígena.

Mesmo a partir desta lei, ainda se encontra muito presente nas escolas a mera reprodução de um currículo limitado que abarca as mesmas histórias perpetuando racismos e discriminações. Os livros se resumem sempre à escravidão, e uma simples reprodução de conteúdo que classifica o negro apenas como um ser inferior, uma vez

que, não possibilita aos alunos reconhecer a África e sua história, seu enriquecimento histórico e cultural para a nossa sociedade.

Ponderar a pluralidade cultural na educação, torna-se um desafio ao professor que necessita pensar em formas de valorizar e exaltar as identidades plurais em práticas curriculares, já que o livro como recurso didático não oferece suporte para as questões étnico raciais. “Implica, também, refletir sobre os mecanismos discriminatórios ou silenciadores da pluralidade cultural, que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade como uma perspectiva monocultural (CANEN e MOREIRA, 1999, p.16).” As escolas na maioria das vezes não abarcam o contexto social que os alunos vivem por isso torna-se um desafio uma educação em que o aluno compreenda o espaço ao seu redor.

Os professores enfrentam desafios para que a aula de Geografia não sofra retrocesso, pois reconhecendo o livro como o único recurso didático fornecido as escolas pelo governo a educação se mostra limitada, cabendo ao professor como mediador do ensino busque novos recursos para implementar a aula de Geografia visando uma maior abrangência do conteúdo da África para desconstruir preconceitos e abrir caminhos para a valorização e a importância da cultura negra diante da sociedade. É injusto que na sala não sejam evidenciados os valores da cultura africana e todos os benefícios que trouxeram a nação brasileira. É absurdo a forma que o continente africano ficou invisível aos olhos dos educadores por tanto tempo mesmo diante de tantas contribuições que o negro proporcionou a sociedade.

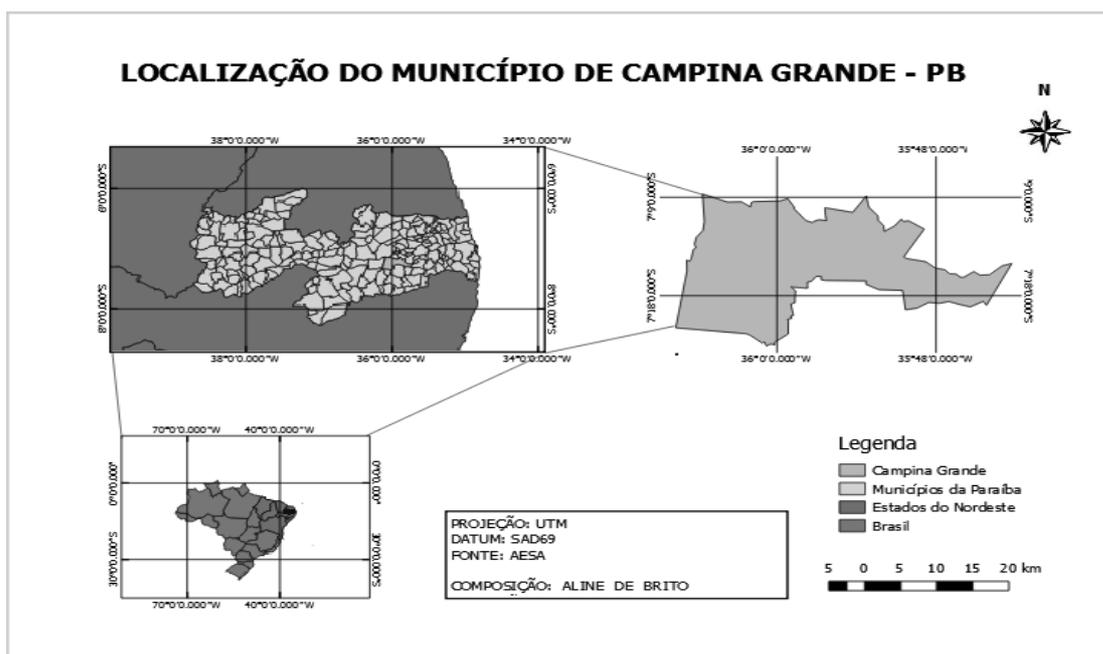
Mesmo o livro se apresentando como um recurso didático insuficiente, o livro se constitui de grande importância na aula pois proporciona ao aluno ter um recurso didático disponível dentro da sala de aula sendo utilizado durante anos nas escolas fator que remete ao professor buscar novos recursos para implementar a aula de Geografia. O professor necessita de outras fontes para conteúdo como cultura, religião e contribuições do negro africano para a sociedade, pois o livro na maioria das vezes limita-se a questões em que inferioriza o negro. “Apesar das críticas, dos limites que o livro didático impõe ao processo de ensino e aprendizagem, acreditamos ser preferível o aluno ter em mãos um livro de geografia a não ter nenhum”. (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, p.343 e 344). O livro se mostra importante no processo de ensino aprendizagem, contudo necessita de reflexões acerca do conteúdo abordado no

livro, pois na maioria das vezes é o único recurso didático que o aluno vai possuir em casa como fonte de estudo, e em alguns casos se caracteriza como um recurso insuficiente em relações a determinados temas.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva quali-quantitativa de pesquisa-ação com professores de Geografia do ensino médio das escolas públicas do município de Campina Grande-PB. O município de Campina Grande localiza-se no interior do estado da Paraíba, com área de 594 km<sup>2</sup>, inserido no semiárido nordestino e localizado na mesorregião geográfica do agreste paraibano, na zona centro oriental da Paraíba no Planalto da Borborema. A cidade de Campina Grande apresenta uma localização com certo privilégio em relação a equidistância aos principais centros do Nordeste, com 7° 13' 11" de latitude Sul e 35° 52' 31" de longitude Oeste de Greenwich, distante 124 km da capital do Estado. Fazem parte do município de Campina Grande os seguintes distritos: Catolé de Boa Vista, Catolé de Zé Ferreira, São José da Mata, Santa Terezinha e Galante e possui 407 754 habitantes (densidade demográfica de 656,4 hab/km<sup>2</sup>), segundo estimativas do IBGE em 2016.

**Mapa1:** Localização de Município de Campina Grande no Estado da Paraíba.-2018

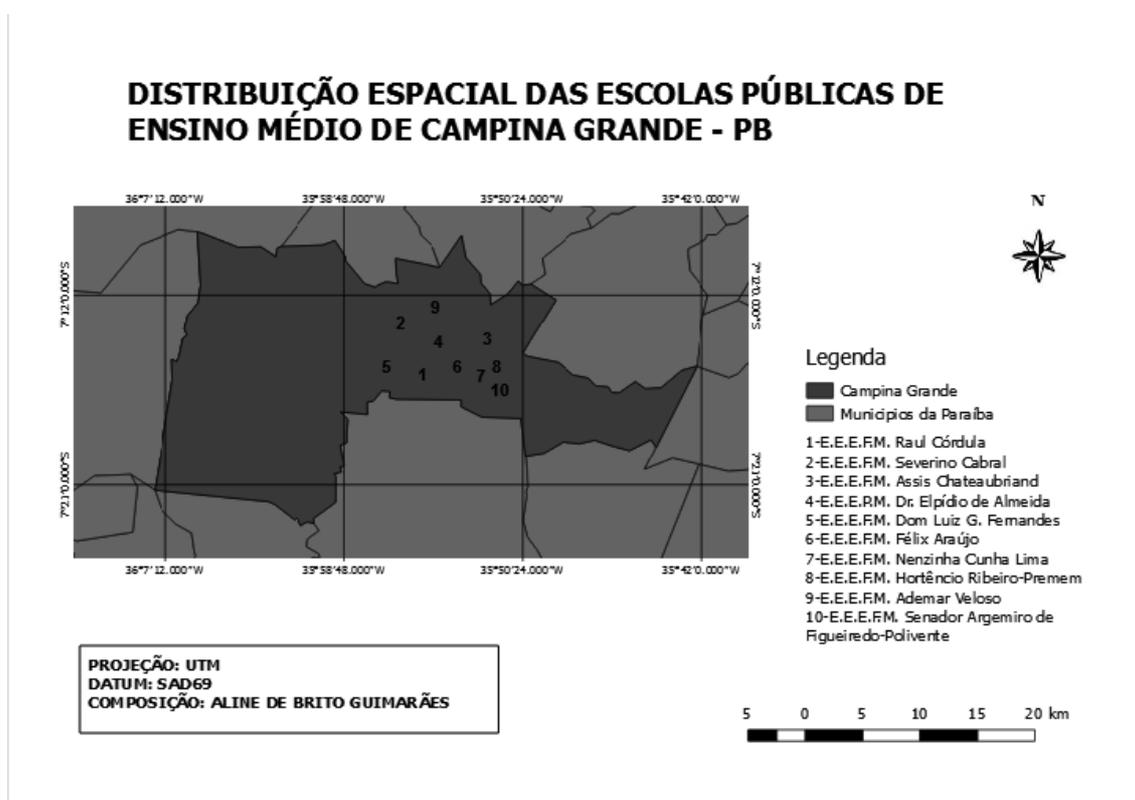


Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo.2017

A pesquisa se fundamentou primeiramente em um levantamento bibliográfico sobre o papel do livro como recurso didático e as questões raciais com os professores. Posteriormente, foi aplicado um questionário semi estruturado com os professores de Geografia do ensino médio de diferentes escolas da rede pública de ensino para fazer um diagnóstico com a opinião deles em relação ao recurso didático utilizado e como se caracteriza as questões raciais e África nos livros.

As escolas públicas selecionadas para realização da referida pesquisa, ficam localizadas no município de Campina Grande-PB, conforme representado no mapa 2.

**Mapa 2:** Distribuição Espacial das Escolas no Município de Campina Grande-PB-2018



Fonte: GUIMARES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017.

Através da realização da pesquisa espera-se um esclarecimento sobre o real papel dos livros de Geografia sob a perspectiva do continente Africano, servindo como base de reflexão para posteriores críticas e melhorias.

Ao final da pesquisa, um total de 14 professores de Geografia haviam respondido o questionário aplicado em 10 diferentes escolas da rede pública de ensino do município de Campina Grande-PB, entre elas: E.E.E.F.M Raul Córdula; E.E.E.F.M. Severino Cabral; E.E.E.F.M Assis Chateaubriand; E.E.E.P.M. Dr. Elpídio de Almeida;

E.E.E.F.M. Dom Luíz Gonzaga Fernandes; E.E.E.F.M. Felix Araújo; E.E.E.F.M. Nenzinha Cunha Lima; E.E.E.F.M. Hortêncio Ribeiro; E.E.E.F.M. Ademar Veloso; E.E.E.F.M. Senador Argemiro de Figueiredo. Os dados coletados através dessas entrevistas foram submetidos a análise, tratados estatisticamente no Microsoft Excel e apresentados em forma de gráficos e tabelas.

#### 4. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Com a intenção de fazer uma análise do conteúdo referente a África no livro didático de Geografia, foi realizado um levantamento teórico sobre o conteúdo abordado, foram selecionadas 10 escolas como fonte para essa pesquisa, e realizado um levantamento bibliográfico das coleções utilizadas em cada escola, posteriormente foi aplicado questionários aos professores a fim de avaliar o livro como recurso didático abrangente ao conteúdo questionado, e a partir dos dados obtidos através dos questionários tornou possível analisar a opinião dos professores sobre o livro didático como único recurso para o tema da África nas aulas de Geografia, assim como a forma que o livro se refere ao conteúdo. Segundo Sampaio e Azevedo (2015) a distribuição das coleções de livros didáticos de Geografia no município de Campina Grande-PB ocorre de maneira diversificada, tendo em vista o número elevado de coleções adotadas.

Os livros utilizados pelas 10 escolas no ensino da Geografia em turmas do ensino médio podem ser observados no Quadro 1.

**Quadro 1:** Livros Didáticos de Geografia Utilizados nas Escolas Pesquisadas-2018

<b>Nome do Livro</b>	<b>Autores</b>	<b>Nº de escolas que utilizam</b>	<b>Editora</b>
Leituras e Interação	Antonio Luís Joia Arno Aloísio Goettens	2	Saraiva
Ser Protagonista	Fernando dos Santos Sampaio	1	SM

Contextos e Redes	Angela Corrêa da Silva Nelson Bacic Olic Ruy Lozano	1	Moderna
Geografia Geral e do Brasil - Espaço Geográfico e Globalização	Eustáquio de Sene João Carlos Moreira	2	Scipione
Fronteiras da Globalização	Tercio Barbosa Rigolin Lúcia Marina Alves de Almeida	1	Ática
Sociedade e Cotidiano	Márcio Vitiello Maria Adailza Martins de Albuquerque	1	Escala Educacional
Espaço e Vivencia	Levon Boligian Andressa Alves	1	Atual
Território e Sociedade no Mundo Globalizado	Anselmo Lazaro Branco Elían Alabi Lucci Cláudio Mendonça	1	Saraiva

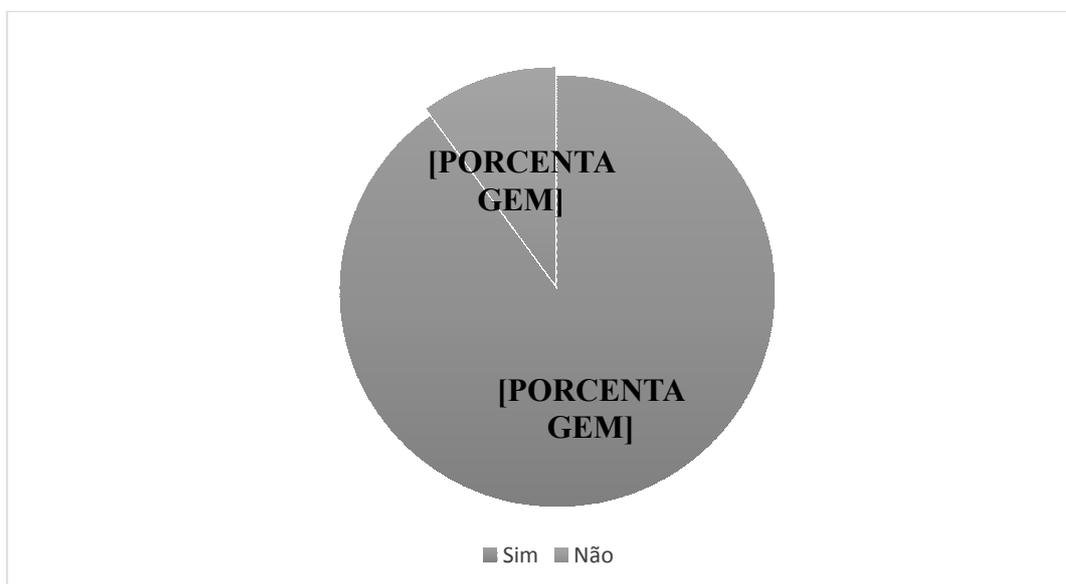
Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Esses mesmos autores em estudo sobre os livros didáticos utilizados no ensino médio nas escolas da rede pública de ensino no município de Campina Grande -PB observaram que as coleções mais adotadas quando contabilizadas todas escolas estaduais foram: Ser Protagonista e Geografia Sociedade e Cotidiano, adotadas em três escolas cada. Já as coleções Geografia Leituras Interação; Geografia Geral e do Brasil – Espaço Geográfico e Globalização; Geografia Contextos e Redes; Fronteiras da Globalização; foram encontradas em duas escolas cada. E mesmo que algumas das

escolas pesquisadas utilizem o mesmo livro como recurso didático, os professores possuem opiniões diferentes sobre esse recurso didático.

O livro se configura como um recurso didático bastante utilizado nas escolas brasileiras, a partir dessa perspectiva constata-se como um recurso importante para o aluno, uma vez que serve como fonte de pesquisa, visto que na maioria das vezes é o único recurso didático que ele vai possuir, algumas questões foram questionadas a fim de avaliar o livro como um recurso didático suficiente no processo de ensino aprendizagem.

**Figura 1:** Você Considera o Livro Didático um Recurso Importante Para as Aulas de Geografia? -2018



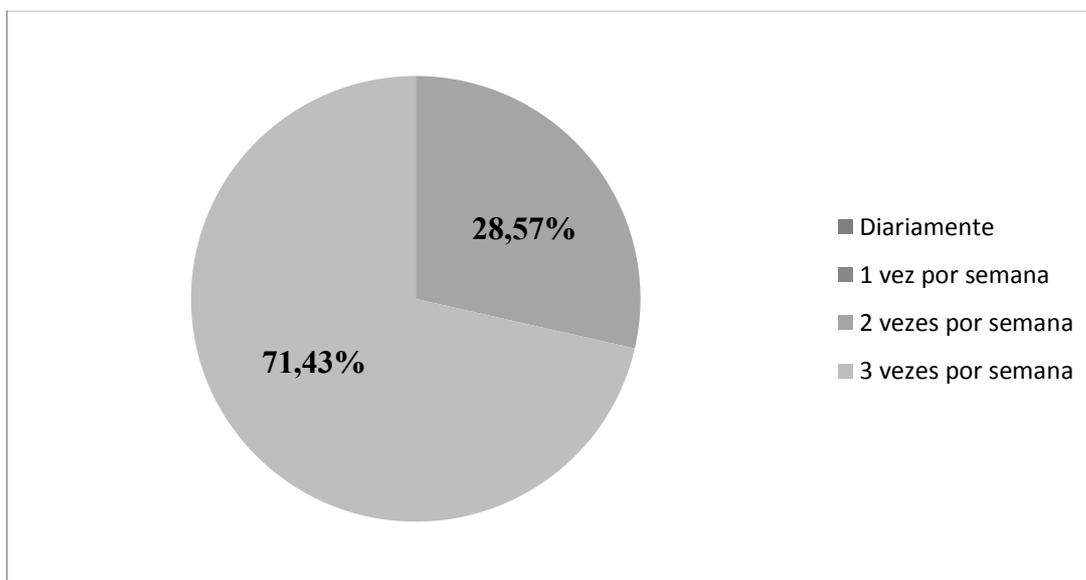
Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Na Figura 1 observa-se que quando questionados se o livro didático é um recurso importante para as aulas de Geografia 90% dos professores entrevistados responderam que sim, o livro é um recurso importante para as aulas, e apenas 10% acredita que o livro não se constitui como um recurso importante com a justificativa que necessitam de outras fontes bibliográficas para complemento do conteúdo.

O livro didático tem importância fundamental no processo de aprendizagem (TAVARES e CUNHA, 2011). Porém, para que este recurso não venha a ser o único considerado correto e passe a assumir um caráter teórico e monótono, se faz necessário o cuidado do professor na utilização e abordagem deste recurso (OLIVEIRA, 2014).

Relatam a importância da intervenção do professor na utilização do livro como recurso didático para evitar que o ensino de Geografia não se remeta a uma Geografia tradicional. O livro didático atualmente tem sido considerado o melhor material de apoio para alguns professores devido a sua importância no ensino de Geografia, por ser suporte teórico e prático para o aluno, instrumento de apoio para o professor e por constituir uma organização possível do conteúdo a ser ensinado. No entanto, o livro didático de Geografia não possibilita o aluno fazer relações entre o conteúdo e a realidade vivida pelo o aluno, sendo de suma importância que o professor interfira no processo de ensino aprendizagem, agregando outras bibliografias assim como proporcionar ao aluno uma relação do livro com a sociedade em que vive.

**Figura 2:** Com Que Frequência Você Utiliza o Livro Didático? -2018



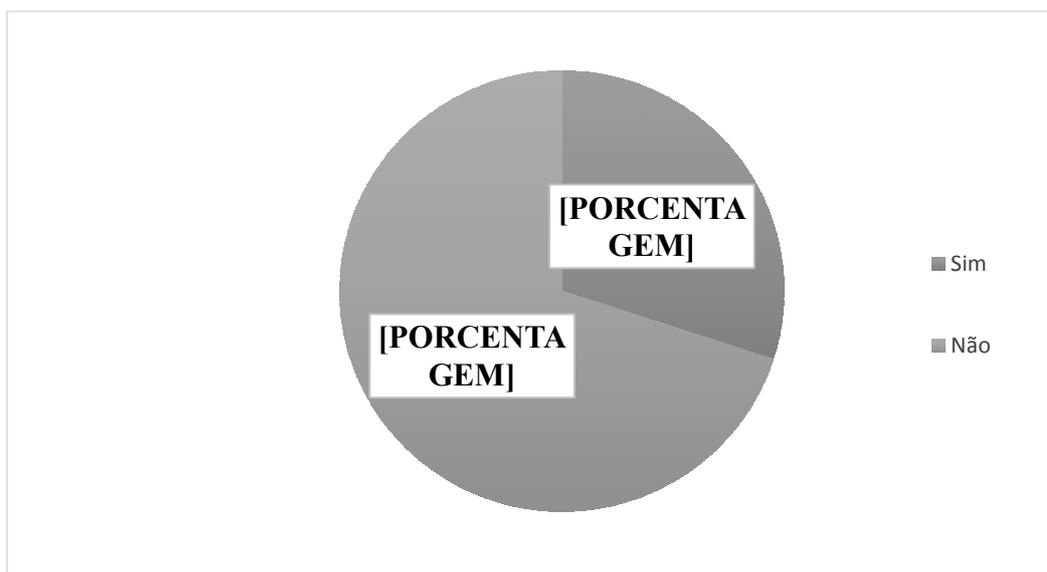
Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Sobre a frequência com que utilizam o livro didático nas aulas de Geografia (Figura 2) a maioria dos professores (71,43%) afirmam utilizar o recurso três vezes por semana; O restante (28,57 %) dos entrevistados utiliza o livro duas vezes por semana. Professores afirmam que o livro é um importante recurso, já que na maioria das vezes é o único recurso que o aluno possui e utiliza como recurso de pesquisa.

Diante desses resultados, observa-se que o livro didático é um recurso bastante utilizado pelos professores no município de campina Grande- PB, embora necessite complementar a aula com outras bibliografias, diferentemente do que ocorre em outros

municípios do país. Em Uberlândia-MG, por exemplo, Silva e Sampaio (2014) ao entrevistarem professores de Geografia, observaram que em relação à frequência de utilização do livro didático 53% dos professores utilizam o livro didático às vezes, 35% utilizam sempre, 6% nunca utilizam e 6% não responderam.

**Figura 3:** O Livro Adotado Apresenta Visibilidade Sobre as Relações Étnicas Exaltando a Pluralidade Cultural? -2018



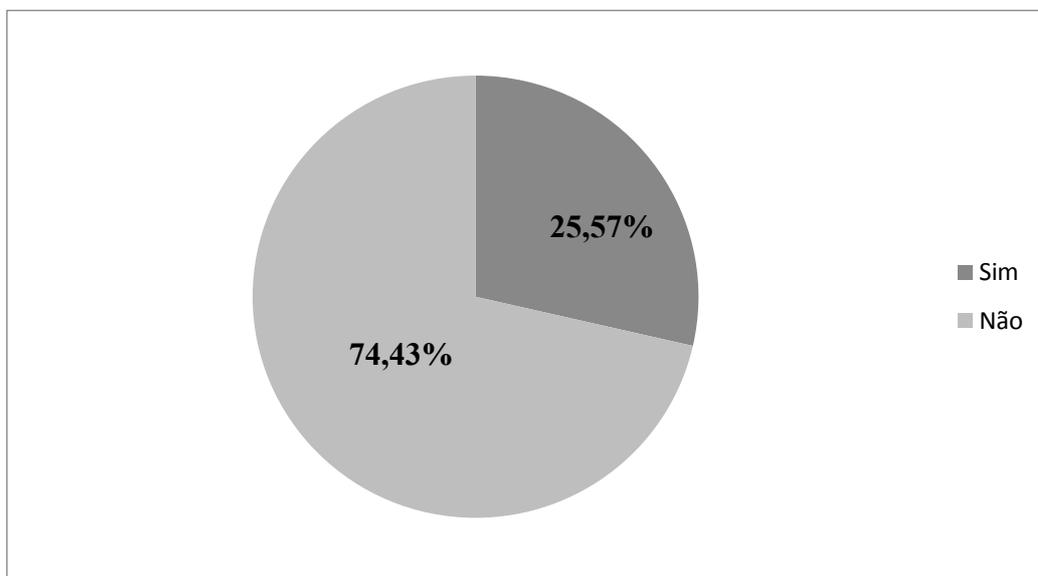
Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Quando questionados se o livro de Geografia adotado apresenta visibilidade sobre as relações étnicas exaltando a pluralidade cultural (Figura 3), 70% dos professores entrevistados disseram que o livro adotado não evidenciam as relações étnicas e não enaltece a pluralidade cultural, enquanto 30% dos professores discordam, alegam que o livro não corroboram o continente Africano como um todo, ressaltando questões como cultura, religião entre outras características que compõem o continente, mas existe uma evidencia muito forte em relações a questões como o apartheid que permite enxergar o negro como um ser inferior.

Sobre essa questão Müller (2015) afirma que nos livros didáticos ainda há pouca representatividade textual e imagética da população negra que se expresse em situações de relevância histórica, cultural, social e cotidiana e persiste a imagem do negro de modo subalternizado ou mesmo em posição de invisibilidade. É inaceitável a omissão da importância do negro na sociedade, toda a cultura e valores que foram acrescentados

a nação brasileira são esquecidos e a sociedade em que vivemos só propaga o preconceito com o negro e a África.

**Figura 4:** O Livro Didático Dissemina Conceitos Que Desvalorizam a Cultura Africana e o Negro? -2018



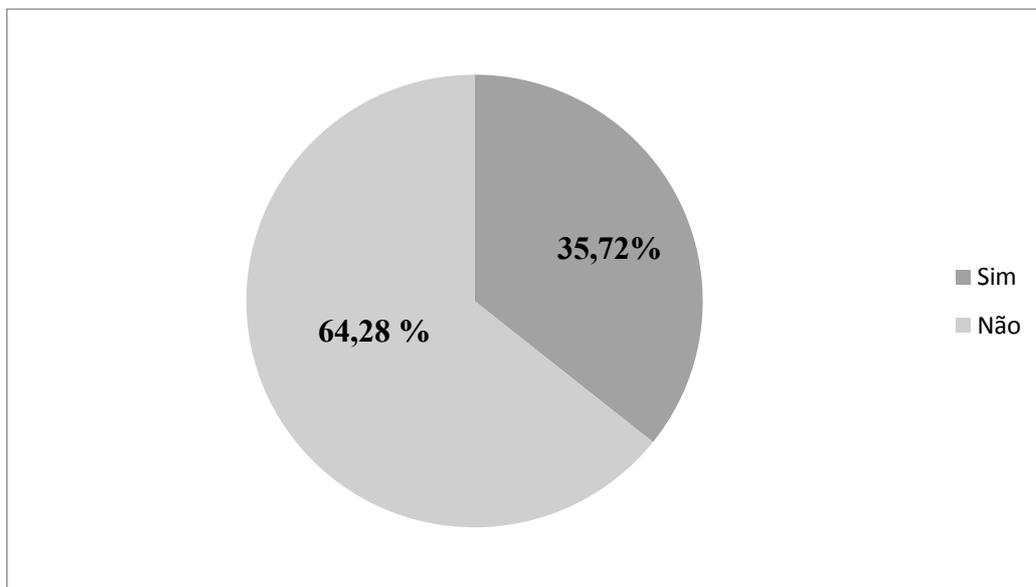
Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Quando questionados se o livro didático dissemina conceitos que desvalorizam a cultura africana e o negro 74,43% dos professores entrevistados disseram que não; enquanto 25,57% disseram que sim. Dos que responderam sim, todos afirmaram a não valorização cultural da África e citaram a segregação racial como foco dos livros didáticos de Geografia do ensino médio, esses professores acreditam que o livro na maioria das vezes limita a visão dos alunos, abrindo espaço para preconceitos e desvalorizando as contribuições que o negro e a cultura africana proporcionaram ao nosso país.

Referente a essa questão Matte Júnior, Alves e Gevehr (2017), em uma análise dos conteúdos "África" nos livros didáticos de Geografia observaram que os livros didáticos trazem a imagem do negro em diversas situações, porém alguns em caráter de inferioridade em relação às demais etnias. Esses mesmos autores pontuam que os livros de Geografia pouco apresentam a figura do negro afro-brasileiro ou africano fora do marco da escravidão, o que reforça paradigmas e visões errôneas sobre a representação da etnia negra na sociedade. Mesmo diante da 10.639/03, ainda há muito o que ser

modificado na educação, pois os livros didáticos não abarcam as informações necessárias para que o aluno construa conhecimento valorizando fatores como cultura e religião combatendo a desvalorização do negro como ser humano, que se apresenta como um agente transformador do espaço.

**Figura 5:** Com Base no PNE o Livro Atende as Necessidades de Aprendizagem do Aluno? -2018



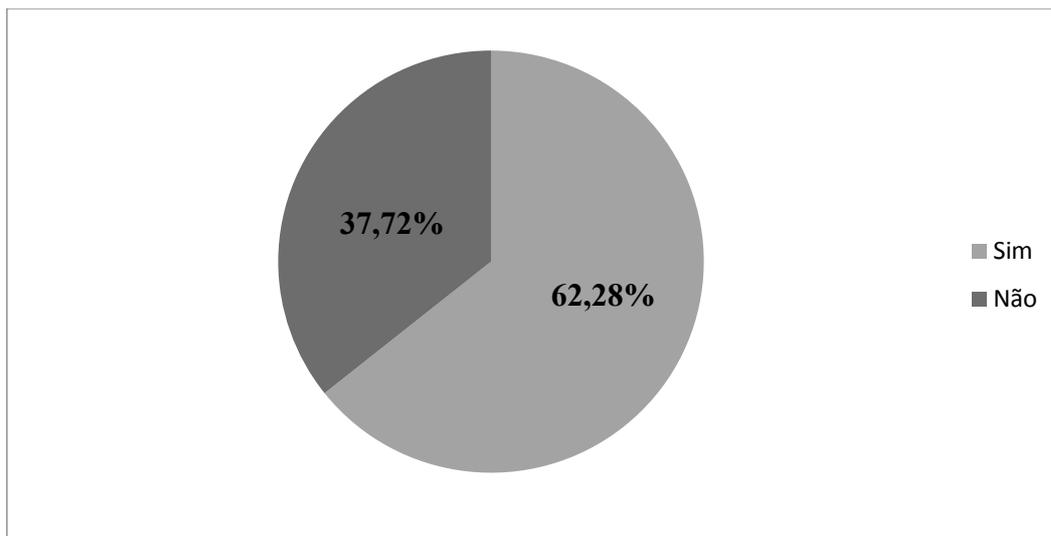
Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Analisando o que é especificado na Lei 10.639/2003 e o conteúdo "África" nos livros didáticos, a maioria dos professores entrevistados (64,28%) acreditam que o livro didático adotado nas escolas não atende as necessidades de aprendizagem do aluno sobre o conteúdo "África" com base no Plano Nacional da Educação (Figura 5), os professores enfatizam que ainda precisam existir mudanças nos livros didáticos, enquanto o restante dos professores (35,72%) discorda.

O Plano Nacional da Educação (PNE) afirma a obrigatoriedade do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003). Os professores acreditam que é de suma importância acrescentar aos livros didáticos o percurso histórico de todas as contribuições do negro a sociedade.

Silva (2016) analisando os conteúdos dos livros de Geografia pré e pós Lei 10.639/03 observou uma certa resistência nas alterações dos conteúdos sobre a África nos livros didáticos de geografia, pois alguns autores ainda não superaram o viés eurocêntrico de enxergar na África um continente promissor.

**Figura 6:** Na Sua Aula de Geografia Você Necessita de Outras Bibliografias Para a Abordagem do Conteúdo da África? -2018



Fonte: GUIMARAES, Aline de Brito. Trabalho de Campo-2017

Quando interrogados sobre a necessidade de usar outras bibliografias para a abordagem do conteúdo da África, a maioria dos entrevistados (62,28%) disseram sim, que necessitam de outros materiais; enquanto os outros entrevistados (37,72%) disseram não.

Os recursos didáticos servem de mediadores entre os conteúdos e os alunos, facilitando a aprendizagem, porém ao se limitar apenas a um recurso didático a aula na maioria das vezes se remete a uma Geografia tradicional, sendo necessário nesses momentos o intermédio do professor para tornar a aula mais dinâmica.

Os professores acreditam que é de suma importância a aproximação do conteúdo com a realidade dos alunos, portanto torna-se imprescindível que o professor busque outras fontes para dar apoio bibliográfico as aulas de Geografia em um momento em que o aluno precisa entender o espaço. Torna-se necessário que o aluno compreenda que atrelado ao livro didático utiliza-se outras fontes fazer ligações entre o conteúdo estudado na sala de aula com a sua realidade permitindo que posteriormente esse

mesmo aluno faça relações durante a aula do conteúdo do livro com notícias de jornais ou outras bibliografias que esteja sendo utilizadas como recurso metodológico para a abordagem do tema, pois permite aos alunos um debate e abre espaço para que o aluno tire dúvidas em meio as aulas, tornado possível que o aluno participe e compreenda o espaço no qual está inserido, para se tornar um cidadão atuante na sociedade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise da visão dos professores de Geografia de ensino médio da rede pública de Campina Grande- PB acerca do conteúdo da África nos livros didáticos de Geografia apresentada neste estudo, constatou-se que para a maioria dos professores o livro didático é um recurso insuficiente para garantir a aprendizagem dos alunos acerca deste conteúdo, visto que não apresenta visibilidade sobre as relações étnicas e não exalta a pluralidade cultural.

Atualmente existem diferentes recursos que permitem diferentes maneiras de abordar um conteúdo em sala de aula, porém a realidade das escolas públicas mostra que o livro se apresenta como o principal recurso didático utilizado na sala de aula, prejudicando a aprendizagem dos alunos. Os professores entrevistados se mostraram preocupados com a qualidade e utilização dos livros didáticos nas aulas de Geografia para que não seja adotada uma postura unicamente teórica remetendo o aluno a uma Geografia tradicional e limitada, mesmo o livro didático sendo um recurso indispensável na aula, os professores enfrentam desafios ao trabalhar com esse recurso, sendo necessário que o professor busque outras bibliografias para contribuir no processo de ensino aprendizagem do aluno.

Diante da problemática abordada o livro didático representa um recurso de grande valia, onde com o auxílio do professor será possível que o aluno estabeleça uma relação do conteúdo do livro com a realidade vivenciado pelo aluno na sociedade, possibilitando que o aluno compreenda o espaço no qual ele está inserido.

Com a apresentação desses resultados, observa-se a necessidade sentida pelos professores de inclusão de outras bibliografias para abrangência do conteúdo e afim de atender as exigências impostas pela Lei 10639/03 e assim assegurar à aprendizagem dos alunos, tornando o livro de didático muitas vezes como um recurso auxiliar.

Sabendo-se que o livro didático não se configura como única ferramenta de construção e transmissão do conhecimento, espera-se que a partir da divulgação dos

resultados deste estudo, seja dada uma maior atenção e precisa revisão dos conteúdos África nos livros didáticos aqui citados, com atenção especial ao que é exigido em Lei e consequente diminuição da segregação racial e incentivo a autonomia, diversidade e pluralidade cultural, tornando possível e o aluno relacione o conteúdo debatido em sala de aula com a sua realidade e compreenda o espaço no qual está inserido.

## REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. Moura. **Dois momentos na história da Geografia escolar; a Geografia Clássica e as contribuições de Delgado de carvalho**. Revista brasileira em Educação em Geografia, Rio de janeiro, 2011.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações ético raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: DF. Outubro, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério de Educação e cultura. **Programa Nacional do Livro Didático**. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br>>. Acesso em: 08/abril/2017.

CANEN, A. MOREIRA, A. F. (Orgs). **Ênfases e Omissões no currículo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, S. L. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 16.ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

FREITAG, B. MOTTA, V. R. COSTA, W. F. **O livro didático em questão**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

HESPANHOL, A. N. Avaliação oficial de livros didáticos de Geografia no Brasil: O PNLD, 2005 (5ª a 8ª séries). In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

LACOSTE, Y. **A Geografia: Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 5.ed. São Paulo, 1988.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

MATTE JÚNIOR, A. A. ALVES, D. GEVEH, D. L. **A representação da etnia negra nos livros didáticos: o papel social da figura do negro no material de apoio pedagógico da educação básica.** Revista Acadêmica Licenciaturas, 2017.

MÜLLER, T. M. P. **A produção acadêmica sobre a imagem do negro no livro didático: estado do conhecimento (2003- 2013).** In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, J. B. A. GUIMARÃES, S. D. P. BOMÉNY, H. M. B. **A política do livro didático.** São Paulo: Sumus; Campinas: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

OLIVEIRA, J. P. T. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem.** Anais... IV congresso ibero-americano de política e administração da educação/ VII congresso Luso-Brasileiro de política e administração da educação. Porto, Portugal. 2014.

PESSOA, B. R. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual.** 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa -PB, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. PAGANELLI, I. T. CACETE, H. N. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PINA, P. P. G. do N. **A Relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia.** 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2009.

QUINTÃO, A. F. B. ALBUQUERQUE, M. A. M. **Desafios e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil.** Anais... XX Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia; Porto Alegre, 2009.

ROCHA, G. O. R. Carlos Miguel de Carvalho e a “orientação moderna” em Geografia. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos.** 5. ed. Campinas: Papyrus, 2001. p. 149-160.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: Uma reflexão sobre a prática.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAMPAIO, T. M. AZEVEDO, S. L. M. **O livro didático de geografia no ensino médio: perspectivas institucionais e adoção nas escolas públicas de Campina Grande-PB.** Revista Científica da FASETE, v. 1, n. Esp., p.53- 70, 2015.

SELBACH, S. et al. (Org.) **Geografia e didática.** Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, L. M. SAMPAIO, A. A. M. **Livros didáticos de geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental.** Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 15, n. 52, p. 173–185, 2014.

SILVA, W. G. **Lei 10.639/03: a representação da África e dos Afrodescendentes nos livros didáticos de Geografia no Brasil 2005-2014.** 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Amazonas. Manaus- AM.

TAVARES, D. A. CUNHA, J. S. **O livro didático e o ensino de geografia: algumas reflexões.** Anais... V Colóquio Internacional "educação e contemporaneidade". São Cristóvão- Se. 2011.

TONINI, M. I. **O Ensino de Geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

VESENTINI, J. W. **O ensino da Geografia no século XXI.** Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.

VLACH, V. R. F. **A propósito do ensino de Geografia em questão o nacionalismo patriótico.** 1988. 206 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade de São Paulo. São Paulo-SP, 1988.